

# JOGOS RÍTMICOS E DEFICIÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Amanda Rezende Pereira<sup>1</sup>

Michele Gley de Freitas Monteiro<sup>2</sup>

Maria do Carmo Morales Pinheiro<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho refere-se a uma experiência de estágio em uma escola de Educação Especial de Catalão/GO, em uma das turmas da Formação Inicial para o Trabalho (FIT), nomeada como tapeçaria. Trabalhamos com o conteúdo jogos e brincadeiras, utilizando como tema o ritmo e a expressão corporal. Para isso, usamos brincadeiras de roda que suscitassem movimentos corporais e sons produzidos pelo corpo, buscando provocar as potencialidades de nosso público-alvo. O objetivo da proposta foi buscar através dos jogos e brincadeiras populares, de cantigas de roda e música produzida *no* e *com* o corpo, ampliar o trabalho com o ritmo, a criatividade, a interatividade com o brinquedo, com os corpos dos colegas e com seus próprios corpos. Compreendemos que tais ações têm força para fazer as pessoas com deficiência acessarem um trânsito das funções mentais elementares – ligadas ao concreto e imediato – para as funções mentais superiores – mediadas e significadas – (VIGOTSKI,1998), pois trabalham noções de tempo, espaço, locomoção, movimentação e coordenação motora por meio do ritmo. A proposta de trabalho se justifica pelo fato de notar-se nos alunos a dificuldade de noção espaço-temporal, ritmo e assimilação de comandos durante as aulas, se estes não estiverem ligados a um objeto ‘concreto’. Ou seja, tanto em função de que nossos alunos trabalham diariamente com movimentos repetitivos para a confecção de tapetes, quanto por conta de todos terem algum nível de deficiência intelectual, notamos sua dificuldade em transitar do mundo concreto ao mundo das percepções, da imaginação e da criação. Nosso processo teórico-metodológico teve como eixo norteador o universo da expressão corporal e dos ritmos produzidos pelo corpo, motivo pelo qual usamos os trabalhos sonoros dos grupos Barbatuques, Palavra Cantada e Encantar. No decorrer do trabalho notamos a produção e criação de ritmos corporais variados com todas as partes do corpo, o que nos permitiu construir, junto ao grupo, a ideia de que nosso próprio corpo pode ser um instrumento de sinfonia e criação. Tais experiências potencializam as possibilidades de inserção dessa temática nas escolas de Educação Especial e reforçam a importância do professor de Educação Física.

**Palavras-chave:** Educação Especial, Jogos e Brincadeiras, Ritmo.

## NA BATIDA DO COMEÇO

O presente trabalho se refere à sistematização de elementos teórico-metodológicos com vistas à fundamentação e orientação da intervenção pedagógica do estágio II do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG/RC), realizado no Centro de Atendimento Especializado no primeiro semestre de 2015. Este texto propõe um olhar nas análises e reflexões acerca das experiências pedagógicas e metodológicas, vividas no campo da Educação Especial em uma das turmas da Formação Inicial para o Trabalho (FIT) nomeada como tapeçaria. Esta é uma turma que trabalha com movimentos manuais repetitivos, em função da confecção de tapetes. A turma é composta por vinte alunos jovens e adultos: dois possuem deficiência auditiva, dois síndrome de down, um tem deficiência física e o restante possui deficiência intelectual moderada. Tivemos como ponto de partida para

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Bolsista PIBID. E-mail: Amandasilva\_1992@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Bolsista PIBID. E-mail: mgley2011@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Doutora em Educação. Orientadora do Estágio. Coordenadora da Ludoteca UFG/RC. E-mail: carmopin@gmail.com

pensar a prática pedagógica momentos proporcionados pela disciplina Estágio II, tais como: análise de conjuntura da escola campo, leituras e relatos de experiências da infância, o que nos possibilitou compreender o corpo e a deficiência no processo de fazer-se professor de modo mais sensível e afirmativo.

Nessa direção, trabalhamos nossas aulas com o tema ritmo e expressão corporal, usando jogos rítmicos (brincadeiras de roda, dentre outras) com o objetivo de potencializar o trabalho com o ritmo, a criatividade, a interatividade com o brinquedo, com os corpos dos colegas, com seus próprios corpos e com o corpo do som. Com isso, buscávamos fazer as pessoas com deficiência acessarem um trânsito das funções mentais elementares – ligadas ao concreto e imediato – para as funções mentais superiores – mediadas e significadas – (VIGOTSKI, 1998), pois tais jogos trabalham noções de tempo, espaço, locomoção, movimentação e coordenação motora por meio do ritmo. Utilizamos como referências os trabalhos musicais dos grupos Barbatuques, Palavra Cantada e Encantar, que apresentam o corpo como instrumento musical primordial. Percebemos que a educação especial muitas vezes também reforça nos corpos deficientes estereótipos e preconceitos, com a tentativa, em suas práticas pedagógicas, de dominar os corpos, exprimindo e impondo suas vontades, anseios e desejos institucionais. Na contramão dessa noção, é que propusemos um trabalho que, por meio do lúdico, pudesse fazer as pessoas com deficiência entrarem em contato com seus próprios corpos.

## NO COMPASSO DOS PROCESSOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS: CAMINHOS E POSSIBILIDADES

No contato com o público alvo e com o trabalho no Centro de Atendimento Especializado Santa Clara, no que se refere às características organizacionais, corpo docente e estrutura pedagógica geral, verificamos que se trata de um lugar restrito quanto a um ensino adequado às necessidades dos alunos, que efetive o acompanhamento necessário às deficiências. Tais ausências acabam por caracterizar um lugar de aprisionamento dos corpos, que prioriza o trabalho como forma de aprendizado, o que requer contenção dos corpos, ou seja, uma educação do corpo que os torna reféns da produção, restringindo suas necessidades e capacidades de criação e de imaginação.

Segundo Soares (2002), a educação do corpo historicamente percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias ambíguas e tensas. Prescreve dita, aplica fórmulas e formas de contenção de necessidades fisiológicas, contrariando assim a natureza humana, tanto quanto de velhos desejos. São distintos atos de conhecimentos, e não apenas a palavra, o

que constitui esta educação diuturna e intermitente.

De acordo com que Liebermam (2008) diz sobre as questões referentes a inclusão, as crianças muitas vezes são usadas como formulas na busca do achado da essência correta para a solução no ensino regular. Na educação especial não é diferente das escolas regulares, onde deveria haver um sistema de disposição de serviços radicada em dois aspectos: as necessidades dos alunos e a probabilidade de intervenção que requer um conjunto especial de circunstâncias que, em geral, não está disponível na educação especial da maneira devida.

Seria preciso criar, de fato, a possibilidade de diálogo entre diferentes lugares epistemológicos, de novos saberes, para potencializar as ações na Educação Especial, não somente aqueles referentes a leitura e a escrita.

Considerando tais leituras no contato com a realidade a ser encarada no estágio, propusemos o trabalho os jogos e brincadeiras, destacando suas facetas rítmicas, por entender a importância da brincadeira para o humano, pois, segundo MAFRA (2008), o brincar é essencial para a saúde intelectual, física e emocional. Compreendemos que o brincar é importante para as pessoas independente de sua idade, pois por meio dessa ação podemos criar, comunicar com os outros e conosco. Vigotski (1998), destaca que a arte de brincar pode ajudar a criança com necessidades educativas especiais a desenvolver-se, a comunicar-se com os que a cercam e consigo mesma. Através dos jogos e brincadeiras a criança com deficiência intelectual pode desenvolver a imaginação, a confiança, auto-estima, autocontrole e a cooperação.

Sendo assim, o jogo possibilita que o deficiente intelectual aprenda de acordo com seu ritmo e suas capacidades, havendo um aprendizado significativo associado a satisfação e ao êxito, acreditando-se que quando a autoestima aumenta a ansiedade diminui. Isso permite a participação dos alunos nas atividades propostas nas aulas com maior motivação e interação com o professor e, mais do que isso, também permite que os alunos transitem das funções mentais elementares (ligadas ao concreto e imediato) para as funções mentais superiores (mediadas, significadas).

De acordo com Brougere (1998), todas as pessoas têm uma cultura lúdica, que é um conjunto de significações sobre o lúdico. A cultura lúdica é produzida pelos indivíduos, se constrói a todo tempo, se estabelece brincando e começa desde o início com as brincadeiras do bebê com a mãe. Está ligada à cultura geral, pois é produto de interação social e se constitui em qualquer ambiente, em casa, na escola ou na rua.

Mesmo sem encontrar referencias que discutissem diretamente as especificidades de um grupo tão variado como o nosso, entendemos que os princípios de confiança, autoestima e

autocontrole seriam elementos fundamentais para a socialização do grupo. Assim, utilizamos como referência a obra Metodologia do Ensino de Educação Física, de autoria do Coletivo de Autores, que defende que tal área: “(...) que deve fornecer elementos teóricos e práticos para a assimilação consciente do conhecimento, de modo que possam nos auxiliar a pensar autonomamente. A apropriação ativa e consciente do conhecimento é uma das formas de emancipação humana” Soares, 1992, p 45.

Tal referência serviu para nortear o nosso projeto e nossa intervenção de modo a utilizar a metodologia proposta (crítico superadora), fazendo com que nosso trabalho se enriquecesse teórica e metodologicamente. Buscamos, na prática de ensino, fazer com que os alunos lidassem com outras visões e pensassem suas próprias ações. Acreditamos que ao nos basearmos nessa metodologia, acrescentamos na formação cultural e humana dos alunos.

SOARES et al (1992) diz que “a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal” (p.61). Essa cultura corporal é fundamental para os alunos, pois essa bagagem é parte importante de seu desenvolvimento social e cultural, sendo os jogos e brincadeiras parte do conteúdo trabalhado na proposta do coletivo de autores. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem, compreensão que intentamos efetivar em nossa prática pedagógica.

Durante a intervenção percebemos que por meio dos jogos e brincadeiras, pelas brincadeiras de roda com sons, ritmo e música, foi possível alavancar os outros eixos da cultura corporal, como a dança e a ginástica.

No decorrer do trabalho notamos a produção e criação de ritmos corporais variados com todas as partes do corpo, o que nos permitiu construir com o grupo a ideia de que nosso próprio corpo pode ser um instrumento de sinfonia e criação. Desse modo, a proposta de trabalho se justifica pelo fato de notarmos nos alunos a dificuldade de noção espaço-temporal, ritmo e assimilação de comandos durante as aulas. Tudo que não se ligasse a um objeto ‘concreto’ impunha dificuldades para sair do mundo imediato e entrar no mundo das percepções, da criação e da imaginação. Mas percebemos que tudo isso ocorre não somente pela deficiência intelectual, mas pela forma com que a escola trabalha com o grupo, com tarefas manuais e movimentos repetitivos que visam somente a reprodução e não a criação dos alunos, limitando o conhecimento e as potencialidades do grupo.

## RITMO NOS CORPOS DEFICIENTES: CONTÁGIO DOS CORPOS

O grupo com o qual trabalhamos é uma turma muito especial, receptiva, alegre e

contagiantes. Um grupo que visa o coletivo, uns sempre estimulam aos outros e reconhecem o trabalho em grupo, mas que, ao mesmo tempo, encontra dificuldade de sair da reprodução dos movimentos por fazerem isso diariamente. Em vários momentos das aulas percebemos a dificuldade que eles tinham de sair do mundo imediato/concreto para o mundo do imaginário. Se inicialmente havíamos pensado em trabalhar apenas com as brincadeiras de roda, no decorrer dos dias percebemos que o grupo demonstrava cansaço e dificuldade em assimilar os comandos que requeriam mais da sua cognição, o que nos fez optar por fazer da imitação um recurso didático importante para as aprendizagens propostas, sobretudo, em torno do ritmo.

No decorrer do trabalho notamos que os alunos conseguiram projetar os sons em diversos tempos (compassos), experienciando o ritmo por meio da música e da locomoção dos corpos em várias direções, além de simular coreografias ritmadas, como por exemplo: Boneca de Lata, batuque do coração, dança do coco e capoeira ritmada etc...

Diante disso, compreendemos que nossa perspectiva de trabalho foi efetivada com alegria, entusiasmo e de forma contagiante, utilizando todo o corpo e a voz de diversas formas. Avaliamos também que o toque entre os corpos possibilitou a desconstrução dos receios de interação e aproximação dos mesmos, quebrando os paradigmas do tabu, que precisa ser refletido na prática pedagógica para transformar a realidade na qual estamos inseridos. Percebíamos a alegria e vontade pela busca do outro na brincadeira e uma energia que era proporcionada pelo contágio dos corpos, através do ritmo corporal que movia a fruição dos movimentos expressivos. No decorrer do trabalho sentimos que eles passaram a ter mais confiança em nós; os laços foram se fortalecendo e as relações foram ficando mais vivas e potentes, e o contágio entre os corpos se fez num movimento crescente.

O pulsar da vida se manifestava em cada gesto, expressão de alegria, gozo e felicidade em cada ritmo criado e produzido por aqueles corpos. Nos momentos em que esse sentimento tomava nossas aulas e nossos corações, surgiu em nós a certeza de acerto quanto ao conteúdo escolhido. Enquanto professoras, tivemos a certeza de que o ritmo é, realmente, algo que transforma os corpos, para além de ser capaz de produzir sentimentos inimagináveis.

Alegria, emoção, criação, elaboração e reelaboração de uma prática corporal ou som produzido eram expressões contínuas nas aulas e em cada atividade realizada. Podemos dizer que a cada nova atividade percebíamos nos rostos de cada um de nossos alunos uma emoção nova, uma sensação de nova descoberta e desafio, afirmação que se torna ainda mais contundente quando escutávamos de suas próprias bocas o quanto nossas aulas eram significativas para eles e que as mesmas deixariam saudades. O fato de intervir em um espaço como a Educação Especial) foi único. É impossível falar dessa experiência sem lembrar de

cada rosto, de cada gesto, de cada sorriso; de cada expressão de espanto; é impossível relatar essa vivência sem pensar com mais profundidade o que é ser professor de um grupo de alunos com deficiência. Pensando no ato de se tornar professor para um grupo com essas particularidades, ressaltamos o tamanho da importância de pesquisar, entender, dedicar e se sensibilizar com as necessidades de cada um que compõe o grupo.

Afirmamos essa importância por terem sido justamente nossos alunos ajudaram a redirecionar nosso trabalho para ir ao encontro deles. Reconhecemos, também, que se não tivesse partido de nós o comprometimento e entrega enquanto professoras-estagiárias, de maneira alguma a intervenção teria se dado de forma tão qualitativa quanto se deu.

Sendo assim, depois dessa experiência o que fica em nossos corpos é a certeza de que uma boa intervenção dependerá principalmente do professor que cada um permite tornar-se na experiência de assim fazer-se, pois é evidente que dificuldades sempre existirão. Descobrimos que poderíamos usar justamente as maiores dificuldades do nosso grupo, para garantirmos uma intervenção qualificada, capaz de atingi-los e trazê-los até nós; conseguimos ver naquela falta de ritmo e de coordenação motora mostrados na primeira aula, a possibilidade de um belo trabalho *com e no* ritmo desses corpos. O resultado final foi emocionante: aqueles corpos que antes possuíam várias dificuldades de assimilação de tempos/compassos e direções, após algumas intervenções, foram capazes de realizar coreografias incríveis propostas por nós, professoras; mas também foram capazes de criar suas próprias coreografias e, assim, nos surpreender.

## REFERÊNCIAS

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LIEBERMAM, M.L. **Educação especial e inclusão: quem disser que uma sobrevive sem a outra não esta em seu perfeito juízo**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

MAFRA, S.R. C. **Desenvolvimento educacional o lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual**. 4. ed. rev. Ampla. Belo horizonte: Autentica Editora Pag 22, 2008.

SOARES, C. L et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**, Campinas, SP: Autores Associados, 3º edição, 2002.

VIGOSTSKI, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. Formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Pag, 18, 1998.